

Série Pelo Fim da Natimortalidade Evitável

Um Sumário para a Série Ending Preventable Stillbirth (Pelo Fim Da Natimortalidade Evitável) da revista The Lancet preparado pela International Stillbirth Alliance

A Série Pelo Fim da Natimortalidade Evitável inclui cinco artigos escritos por mais de 210 autores de 43 países diferentes. A pesquisa nessa Série mostra que quase 2,6 milhões de bebês nascem mortos por ano e coloca ênfase no enorme impacto que essas perdas têm sobre famílias, profissionais da saúde, sociedade e governos. Lamentavelmente, a maioria dessas mortes poderia ser evitada com a melhora do atendimento à mulher durante a gravidez e o parto. Essa Série é fundada na Série “Natimortalidade” do Lancet, publicada em 2011. Revendo onde o progresso foi, ou não, feito desde 2011, a nova Série mostra o que deveria ter sido feito para acabar com a natimortalidade evitável até 2030 (ano até o qual países do mundo inteiro se comprometeram a melhorar a saúde de mães e bebês).

As mensagens-chave da Série Pelo Fim da Natimortalidade Evitável são:

- **Cerca de 2,6 milhões de natimortos acontecem todos os anos, 98% dos quais em países de baixa e média renda.** Quase a metade de todos os natimortos acontece durante o trabalho de parto e o nascimento. A maioria dos óbitos decorre de problemas que podem ser evitados com atendimento materno adequado, como a prevenção ou o tratamento de infecções e complicações da gravidez (por exemplo, hipertensão arterial, diabetes ou retardo do crescimento do bebê antes do nascimento).
- **A natimortalidade coloca um pesado fardo sobre as famílias e a sociedade.** A natimortalidade é uma tragédia para famílias e pode ter efeitos duradouros, sociais, psicológicos e financeiros. O comportamento dos médicos, obstetras e outros profissionais da saúde pode fazer uma verdadeira diferença para a experiência dos pais; serviços oferecidos com respeito, incluindo uma boa qualidade na atenção ao luto, podem reduzir os impactos negativos para os pais. A atitude de todos aqueles que estão em torno dos pais nessa hora trágica é importante. A natimortalidade é estigmatizada e os pais frequentemente se sentem isolados e culpados das mortes de seus bebês. Embora o impacto da natimortalidade atinja principalmente as mulheres e suas famílias, profissionais da saúde, comunidades e setores mais amplos da sociedade também são afetados.
- **A maioria das mortes são evitáveis** com o atendimento de boa qualidade durante a gravidez e o parto, o que frequentemente não existe. O empenho na prevenção da natimortalidade deve fazer parte da atenção à saúde da mulher e da criança. A melhoria no atendimento à maternidade também irá prevenir as mortes maternas e dos recém-nascidos e melhorar o desenvolvimento da criança; é o chamado “retorno quádruplo” do investimento financeiro que governos e doadores fazem na atenção à saúde – o que significa 4 tipos de benefício (redução das mortes maternas, neonatais, da natimortalidade e dos problemas de desenvolvimento) para cada único esforço investido na melhoria da atenção à saúde.
- **Os natimortos devem ser computados da mesma forma que são computadas as mortes neonatais e maternas.** Atualmente, os natimortos não são computados em todos os países, o que torna difícil monitorar o seu número. Essa informação é necessária para manter a responsabilidade de governos e doadores.



Credit: Suzanne Lee/Save the Children/India

Tentativas junto a legisladores no sentido de incluir a natimortalidade como alvo das metas globais têm tido algum sucesso. A natimortalidade é freqüentemente negligenciada nas políticas internacionais. Por exemplo, o Every Newborn Action Plan (Plano de Ação para Todo Recém-nascido) estabeleceu alvos para a redução do número de natimortos em todos os países, mas o global “Sustainable Development Goals” (Metas de Desenvolvimento Sustentável) não inclui a natimortalidade como alvo. No entanto, eles incluem metas para a melhoria da saúde e da sobrevivência de mulheres e crianças, para a redução da pobreza e para maior igualdade que são importantes para a prevenção da natimortalidade. A Série Pelo Fim da Natimortalidade Evitável pede a todos os países para reduzir a natimortalidade na mesma linha dos alvos do Every Newborn e assegurar que os natimortos sejam computados e notificados do mesmo modo que as mortes neonatais e maternas.

- **A natimortalidade afeta particularmente mulheres que são socialmente desfavorecidas ou “marginalizadas”.** Mulheres de origem étnica minoritária ou que são pobres e desempregadas têm risco muito maior de ter um natimorto, particularmente nos países subdesenvolvidos, mas mesmo em países mais ricos. Todos os países precisam assegurar que todas as mulheres recebam uma boa qualidade de atenção à maternidade.
- **A natimortalidade é frequentemente uma tragédia oculta.** O “luto não-autorizado” é comum após a morte do bebê ser escondida e não reconhecida apropriadamente, ou de forma alguma, pelos profissionais da saúde, por outros membros da família ou pela sociedade. Sintomas de depressão são comuns e duradouros depois do nascimento de um bebê morto; autores de um estudo estimam que quase 4 milhões de mulheres em todo o mundo sofrem depressão após darem à luz um natimorto.
- **Mulheres** cujos bebês nasceram mortos **se sentem estigmatizadas, solitárias e menos valorizadas pela sociedade** e, em alguns casos, podem sofrer abuso ou dano por violência após terem um natimorto. Organizações de pais que trabalham junto a profissionais da saúde podem ajudar a reduzir o estigma e o sentimento de desesperança de que a natimortalidade não seja evitável.



Credit: Mei Scott and her son Finley/UK

O que mudou desde 2011 e o que precisa mudar no futuro?

Precisamos acelerar o trabalho de reduzir a natimortalidade. Houve 18.4 natimortos por 1.000 nascimentos em todo o mundo em 2015, comparados com 24.7 no ano 2000. Em média, a taxa de natimortalidade caiu em até 2% por ano, mas essa redução é mais lenta que a das mortes de grávidas (que caiu em até 3% no mesmo período) ou das mortes de crianças abaixo dos 5 anos (que caiu em 4,5%). Em 2014, a Assembleia da OMS que decide as políticas da Organização Mundial da Saúde (organização das Nações Unidas focada na saúde global), concordou com a meta de 12 ou menos natimortos por 1.000 nascimentos, em todos os países, até 2030. Até 2015, apenas 94 países, principalmente aqueles de renda alta ou média, alcançaram essa meta. **Pelo menos 56 países**, particularmente da África e países afetados por guerra, **terão que ao menos dobrar sua taxa atual de progresso** para conseguir alcançar essa meta. Aqueles países, principalmente, que têm uma taxa de natimortalidade inferior a 12 por 1.000 nascimentos, também foram chamados a estabelecer e alcançar metas no sentido de preencher lacunas existentes nas taxas de natimortalidade entre diferentes grupos de mulheres (tais como as que se encontram em situação de desfavorecimento social ou racial). A Série conclama a todos os países a honrar esses compromissos.

A natimortalidade precisa ser incluída nas políticas e nos programas nacionais e globais. É necessária uma forte liderança em todo o mundo e em países individualmente para coordenar e conduzir esforços locais, nacionais e globais em prol das mulheres e de seus bebês. Considerando o enorme impacto da natimortalidade, é surpreendente que pouco dinheiro tenha sido investido em pesquisa e na implementação de programas que

visem prevenir a natimortalidade e melhorar a atenção após a sua ocorrência. É igualmente importante que sejam conduzidas mais pesquisas na prevenção da natimortalidade e no cuidado e atenção ao luto.

Para avançarem, os países necessitam fazer as mudanças para as quais foram convocados nos planos globais, em formas que se adequem à sua própria situação. A coleta de informações sobre a natimortalidade precisa ser aperfeiçoada, porque nos ajudará a compreender como os países estão agindo para impedir a natimortalidade. Todos os nascimentos, natimortos, mortes maternas e neonatais devem ser oficialmente computados e as taxas de mortalidade durante a gestação (“taxa de mortalidade antepartum”) e durante o parto (“taxa de mortalidade intrapartum”) devem ser medidos todo ano em cada país. Para ajudar a compreender melhor a natimortalidade, todos os países devem concordar em utilizar um sistema para identificar as causas da natimortalidade; no momento, existem muitos diferentes sistemas em uso e nenhum deles está funcionando bem.

Como podemos descobrir se o mundo está melhorando na prevenção da natimortalidade?

Para verificar se os países estão melhorando na prevenção da natimortalidade, essa Série propõe que sejam feitas três perguntas:

- 1) Os natimortos estão sendo computados nos sumários das mortes maternas, neonatais e infantis em cada país?
- 2) A boa qualidade do atendimento durante a gravidez e o parto está incluída nos planos específicos do país, com atenção especial aos cuidados de prevenção da natimortalidade? e:
- 3) Uma meta específica de redução da natimortalidade é parte do plano ou política?

A Série enfatiza que algumas coisas têm que ser feitas para acelerar a redução na natimortalidade e para melhorar o cuidado no atendimento após a perda de natimortos:

- (1) liderança intencional especialmente da parte dos planejadores das políticas, o que representa o maior desafio;
- (2) dar mais visibilidade, especialmente às mulheres;
- (3) incluir a natimortalidade nos planos e políticas para a saúde da mulher e da criança, ao mesmo tempo aumentando os recursos para a prevenção da natimortalidade;
- (4) coletar dados para checar o avanço na redução da natimortalidade;
- (5) aumentar a arrecadação de fundos para a prevenção da natimortalidade e para a pesquisa.

Rumo a 2030 – uma abordagem integrada para reduzir a natimortalidade

Como na convocação da Série “Natimortalidade” de 2011, essa Série também convoca para acabar com a natimortalidade evitável. A implementação de estratégias globais tais como as Metas de Desenvolvimento Sustentável e a Estratégia Global para a Saúde das Mulheres, Crianças e Adolescentes (o plano global para ajudar a implementar as Metas de Desenvolvimento Sustentável ligadas à saúde) será mais fácil se a natimortalidade for tratada e computada como qualquer outra morte. Assegurando que todas as mulheres receberão atendimento de boa qualidade durante a gestação e o parto nos 75 países com as piores taxas de natimortalidade, nós poderíamos prevenir 823.000 natimortos, 1.145.000 mortes de

neonatos e 166.00 mortes de mulheres grávidas por ano, até 2030, a um custo adicional de US\$2.143 ou £1.436 por cada vida salva.

A comunidade global da saúde, líderes dos países, profissionais da saúde e mulheres e homens individualmente devem erguer suas vozes coletivas para quebrar o silêncio que cerca a natimortalidade e apontar a falta de respeito e de compreensão que mulheres e famílias com frequência vivenciam quando seu bebê nasce morto.



Credit: Colin Crowley/Save the Children/Ethiopia

Autor

Claire Storey, Vicki Flenady, Susannah Hopkins Leisher, Dimitrios Siassakos, Alexander Heazell
on behalf of the International Stillbirth Alliance



Traduzido por

Dr. Ana M. A. Lana, psychotherapist.
Former professor of Pathology and perinatal pathologist at School of Medicine, Federal University of Minas Gerais, Brazil.



Em colaboração com

